

FRANCISCO QUEIROZ

CEMITÉRIOS OITOCENTISTAS PORTUGUESES OS MUSEUS DA MORTE

Separata da Revista MUSEU, IV Série, N.º 7
1998



CEMITÉRIOS OITOCENTISTAS PORTUGUESES OS MUSEUS DA MORTE

FRANCISCO QUEIROZ¹

Apresentação

Recentemente, os cemitérios oitocentistas portugueses têm sido estudados de forma mais intensiva, em especial no que se refere aos seus aspectos socioartísticos. Mas, tratando-se de um tema tão vasto e promissor, não existe ainda qualquer estudo generalista sobre a arte funerária portuguesa no século XIX.

Nos últimos quatro anos, procuramos abrir novas perspectivas para o estudo da arte funerária portuguesa do século XIX, seguindo as pisadas de alguns pioneiros na área. A pesquisa, efectuada em mais de 200 cemitérios portugueses, permitiu evidenciar áreas estilísticas nacionais e valorizar muitos cemitérios até hoje injustamente votados ao esquecimento.

É claro que este levantamento foi realizado apenas com o objectivo de complementar uma Tese de Mestrado dirigida a uma temática bastante mais específica². No entanto, surgiram muitos dados marginais interessantes, alguns dos quais procuraremos apresentar em seguida, de forma abreviada.

¹ Historiador da Arte.

² *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista. O Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, 1833-1900.* Tese de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1997.



Outras informações mais concretas sobre os cemitérios a abordar poderão ser encontradas no quadro anexo. No entanto, em relação aos cemitérios municipais do Porto, podemos indicar como posterior elemento de consulta os vários trabalhos de Gonçalo Vasconcelos e Sousa³, bem como a nossa já referida Tese de Mestrado (esta última, sobretudo para o caso do Cemitério da Lapa e para alguns outros importantes cemitérios do país).

A relação comentada que se segue, focando os cemitérios oitocentistas mais importantes ou mais interessantes em Portugal, poderá servir de ponto de referência para outros investigadores que necessitem realizar estudos onde os cemitérios se incluam, como extraordinária fonte de informação socioartística para o século XIX. Note-se, no entanto, que alguns outros cemitérios nacionais podem ter sido injustamente não mencionados. Pela lista dos cemitérios visitados se pode depreender que apenas foram cobertas exaustivamente algumas zonas do país.

Os cemitérios de Lisboa e do Porto

Como seria de esperar, nestas duas cidades se encontram os maiores, mais importantes e mais interessantes cemitérios oitocentistas nacionais.

Começemos por Lisboa. O Cemitério dos Prazeres é o mais elitista. Durante o século XIX, aqui se erigiram as construções funerárias mais interessantes e monumentais da capital. Basta referir o fabuloso mausoléu Palmela, a mais imponente construção funerária oitocentista em Portugal, no qual se utilizou uma estética profundamente simbólica, sem paralelo no resto do país⁴.

³ SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e — *Cemitérios Portuenses: História e arte*. Seminário policopiado apresentado no curso de Ciências Históricas (ramo de Património) da Universidade Portucalense. 6 tomos, 12 volumes. Porto, 1994. Tendo como base este trabalho, foram publicados alguns seus artigos, dos quais referenciamos: *A transferência dos restos mortais de Francisco de Almada e Mendonça para o Cemitério do Prado do Repouso*. Porto, 1994 (separata de “O Tripeiro”, 7ª série, ano XIII, n.º 6); *Ser e estar perante a morte no Porto dos séculos XIX e XX: reflexos no património cimiterial*. Lisboa, 1994 (separata de “Lusitânia Sacra”, 2ª série, n.º 6); *Subsídios para uma iconografia da morte no Porto do século XIX (I)*. Arouca, 1994 (separata de “Poligrafia”, n.º 3, pp. 124-152); *Subsídios para uma iconografia da morte no Porto do século XIX (II)*. Porto, 1995 (separata de “Humanística e Teologia” n.º 16, fascículos 1-2, pp. 175-213).

⁴ Vd. FLORES, Francisco Moita - *O jazigo da família Palmela. Uma simbólica do Antigo Regime e da Ordem Maçónica*. In “História” n.º 151, Lisboa, 1992, pp. 66-81 e IDEM et al. - *Cemitérios de Lisboa: entre o real e o imaginário*. Lisboa, C.M.L., 1993.



Possuindo igualmente muitos monumentos de elevado valor estético e importância socioartística, o Cemitério do Alto de S. João não se situa, porém, ao nível dos Prazeres, embora a diferença não seja muita. Na maior parte dos casos, o Cemitério dos Prazeres terá sido uma fonte de influência para o Alto de S. João, já que este último cemitério é ligeiramente mais tardio em termos de primeiras construções⁵.

Não sendo municipais (muito mais pequenos) e com um fluxo mais tardio de construções, os cemitérios das várias freguesias periféricas pertencentes ao Concelho de Lisboa não apresentam uma virtude artística minimamente comparável aos dois grandes cemitérios da cidade, embora existam algumas pequenas excepções, nomeadamente no Cemitério da Ajuda.

Tal como em Lisboa, também no Porto oitocentista foram implantados dois cemitérios municipais, a oeste e a leste do centro da cidade. No entanto, o processo de implantação dos mesmos assumiu contornos bem diferentes do caso lisboeta. Na cidade Invicta foi um cemitério privativo – o Cemitério da Lapa – a ditar as estéticas que viriam a ser utilizadas nos cemitérios municipais da cidade: o do Prado do Repouso, primeiro, e o de Agramonte, mais tarde.

No entanto, após a reorganização do Cemitério de Agramonte (1869) e o consequente fluxo de primeiras construções, este cemitério logo começou a suplantar o anterior cemitério municipal e mesmo o próprio Cemitério da Lapa. Não só este último definha por manifesta falta de espaço físico⁶, como também em Agramonte outras prestigiadas “Ordens” da cidade implantavam os seus cemitérios privativos (Carmo, Santíssima Trindade e S. Francisco), que rapidamente se encheram de belos monumentos. [fig. 1]

Em conclusão, podemos atribuir a preponderância da Lapa como cemitério de elite e como fulcro de uma estética portuense na arte funerária, seguindo-se-lhe Agramonte, sobretudo a partir dos últimos anos do século XIX.

⁵ Embora oficialmente datem ambos da mesma época, como se perceberá pelo quadro anexo.

⁶ O espaço do Cemitério da Lapa que hoje se encontra ocupado por jazigos-capela e mausoléus estava já quase totalmente preenchido em 1900. Este facto permite depreender que o cemitério terá tido um enorme índice de demolições de antigos monumentos, para que pudesse ser encontrado espaço. Sendo assim, terá sido muitíssimo mais rico em construções oitocentistas do que actualmente.



Dos cemitérios das freguesias periféricas da cidade, há a referir o de Campanhã (pelo interesse dos seus jazigos-capela), o de Paranhos (pela dimensão e pelo interesse de alguns dos seus monumentos) e mesmo o de Ramalde (onde existe um curioso jazigo cuja fachada glosa um retábulo barroco).

As áreas estilísticas nacionais

Por circunstâncias complexas que não podemos aqui desenvolver ⁷, os principais cemitérios de Lisboa e Porto desenvolveram-se a partir de pressupostos diferentes, criando áreas estilísticas mais ou menos bem definidas e díspares entre si.

A área de influência dos Prazeres (e cemitérios afins, em Lisboa) é fortíssima em todo o centro e sul do país, especialmente a sul do Mondego. No entanto, a sua influência estende-se a todo o território nacional, incluindo os cemitérios do Porto, onde, apesar de tudo, a influência foi muito mais pequena do que fariam supor algumas circunstâncias, como a massiva vinda para o Porto de canteiros lisboetas.

A área de influência do Cemitério da Lapa (e cemitérios afins, no Porto) restringe-se ao Entre Douro e Minho. No entanto, de forma menos evidente, esta área alarga-se até algumas zonas interiores e mais a sul, chegando mesmo a Viseu e Coimbra. A sul do Mondego não vislumbramos, nos cemitérios visitados, qualquer influência estética evidente vinda dos cemitérios portuenses.

Esta questão é bastante clara se tivermos em conta o importantíssimo factor dos materiais de construção. Em Lisboa e em toda a zona sul do país não encontramos qualquer monumento em granito (o material pétreo por excelência da área do grande Porto), a não ser em alguns casos muito esporádicos. Mas, nestes casos, nenhuma influência directa foi encontrada em relação à estética portuense.

Ao contrário, o mármore (material pétreo típico de Lisboa), por ser um material considerado mais nobre e a cuja utilização se associou, desde o início, a arte funerária oitocentista dos grandes centros difusores europeus (Père Lachaise, Staglieno), pode ser encontrado facilmente em todo o norte do país, nos cemitérios com alguma dimensão.

⁷ Consulte-se a nossa já citada Tese de Mestrado.



Outros cemitérios importantes, à escala regional, lograram exercer alguma influência estética em cemitérios mais pequenos dos arredores, sobretudo pela seguinte trilogia de factores:

- materiais pétreos comuns,
- precocidade desses cemitérios em termos de construções,
- existência de oficinas nessas localidades (este último factor intimamente ligado aos dois primeiros).

Neste patamar podemos incluir, desde logo, o Cemitério da Figueira da Foz, bastante precoce em construções, com alguns monumentos muito originais, utilizando sobretudo materiais calcários da região.

Um pouco mais tardio, mas exercendo também alguma influência estética nos cemitérios da região do Baixo Mondego, temos o Cemitério da Conchada (Municipal de Coimbra). A disseminação das estéticas associadas à produção de jazigos neste cemitério foi sobretudo maior no início do século XX, com a proliferação de oficinas que trabalhavam o brando calcário da região. Pela grande ligação às intervenções de restauro então realizadas em monumentos tardimievais / renascentistas da cidade (e não só), estas oficinas (das quais destacamos a de João Machado), originaram um gosto mimetista muito caro à herança de João de Ruão ou Hodarte. No início do século XX, estas estéticas foram propagadas por alguns cemitérios nacionais, encontrando-se exemplares bastante distantes de Coimbra (no Algarve, por exemplo, ou mesmo no Cemitério de Famalicão). [fig. 2]

Também numa região de pedra calcária muito branda (e, por essa razão, com muitos valiosos monumentos funerários em estado de ruína), encontramos o Cemitério de Leiria. Muitíssimo interessante, sobretudo pelas estéticas originais e anormalmente monumentais dos seus jazigos-capela, este cemitério terá tido alguma influência em redor, embora não tenhamos feito levantamentos que o possam provar. [fig. 3]

Outra importante área estilística, que tem sobretudo razão de ser devido à questão dos materiais pétreos, é o eixo Estremoz — Borba — Vila Viçosa. Os cemitérios desta região não são particularmente interessantes, sobretudo porque terão sido os canteiros de Lisboa quem primeiro aplicou o belo mármore da região à arte funerária. Apesar de não serem muito tardios em termos de estabelecimento, cemitérios



como os de Estremoz, Vila Viçosa, Elvas ou Borba só possuem monumentos de oficinas locais, erigidos com os materiais locais, nos finais do século XIX. Mas, mesmo estes, glosam excessivamente a estética lisboeta.

Em Lamego encontramos a secção lateral de jazigos-capela mais interessante de todo o país (exceptuando-se, evidentemente, os principais cemitérios do Porto⁸). [fig. 4]

Uma menção especial ao Cemitério de Braga. Bastante tardio na construção (tratando-se de uma cidade importante), recebeu um fluxo tão grande de monumentos logo após a sua abertura que deu imediatamente origem a oficinas de mármore locais. Estas oficinas imprimiram também o seu cunho próprio aos monumentos aqui construídos e um exemplo concreto é a grande proliferação de monumentos em mármore rosa que aqui podem ser encontrados. Alguns canteiros estabelecidos no Porto montaram mesmo filiais em Braga, tal era o volume de encomendas. Se exceptuarmos os principais cemitérios de Lisboa e Porto, o Cemitério de Braga será talvez o mais importante cemitério português em número de construções ainda do século XIX. Aqui podem ser encontrados inúmeros monumentos de qualidade superior, em especial os erigidos pelos muitos *brasileiros* naturais da região.

Para finalizar a questão das áreas estilísticas há que referenciar o eixo Aveiro-Ovar, tendo como fulcro o interessante Cemitério de Aveiro. Nesta região, a pedra foi muitas vezes substituída por materiais menos nobres e encontramos até jazigos-capela totalmente em alvenaria e reboco, facto impensável em Lisboa (e mesmo no Porto, onde o emprego desses materiais era até proibido pelos regulamentos, embora nem sempre estes fossem cumpridos).

Em alguns outros cemitérios nacionais encontramos monumentos precoces, construídos em materiais locais, que poderiam ter originado estéticas regionais próprias. No entanto, estes cemitérios foram posteriormente inundados por construções estereotipadas, à imagem do que se erigia então nos cemitérios de Lisboa, muito mais baratas e *cosmopolitas*. [fig. 5] Consequentemente, essas estéticas regionais não puderam desenvolver-se. Sucedeu este fenómeno nos cemitérios de Faro [fig. 6], Castelo Branco ou Portalegre, por exemplo.

⁸ Não incluímos aqui Lisboa, porque a ideia de *secção lateral* não se aplica à arte funerária da capital.



Semelhante processo de estandardização sucedeu também em alguns cemitérios do norte do país, onde o despontar de estéticas próprias foi abafado pela avassaladora moda construtiva que vinha do Porto. No entanto, são casos mais raros e não tão marcados, já que a própria estética funerária portuense era muito menos estandardizada que a lisboeta.

No caso de Viseu, por exemplo, foram tanto as estéticas portuenses como as lisboetas que ensombraram o surgir envergonhado de uma moda regional na arte funerária.

Em Santarém, a estética miniatural lisboeta foi adoptada com variações regionais bastante subtis e de algum interesse. No entanto, o cemitério dependeu muitíssimo dos cânones construtivos dos Prazeres. [fig. 7]

Apesar de não possuírem particulares originalidades estilísticas, optamos por referir mais alguns cemitérios que consideramos bastante interessantes, apontando as justificações genéricas para cada caso:

- Viana do Castelo, Vila Real, Póvoa de Varzim, Penafiel, Matosinhos (cemitério antigo), Rio Tinto, Gondomar, Águeda, Beja e Lagos — pelo número de monumentos com valia estética;
- Évora e Setúbal — pela grandiosidade do cemitério e pelo número de monumentos com valia estética;
- Covilhã e Régua — pelo número de monumentos com valia estética e pela originalidade de alguns;
- Sto. António dos Olivais e Valongo — pelo curioso de alguns monumentos e também pela importante percepção das várias fases de construção;
- Guimarães, Tomar e Barcelos — pelas tipologias muito próprias nos gradeamentos e portões de jazigos-capela e pelo próprio número de monumentos com interesse;
- Ponte de Lima — pela sua curiosa planta centrada.



Conclusão

Cada cemitério oitocentista conta uma importante história ao nível local, de mentalidades, de hierarquias sociais, de hábitos e estéticas. Qualquer um dos cemitérios anteriormente referidos mereciam, claramente, um estudo monográfico aprofundado.

Lançamos aqui um repto evidente ao seu estudo individualizado, que permitiria certamente alertar consciências para as variadas formas de destruição a que estes estão expostos. Afinal, os mais importantes cemitérios oitocentistas do país são verdadeiros *museus da morte* e foram mesmo concebidos para o serem. Como espaços museológicos abertos mereciam mecanismos de protecção patrimonial específica. Já é tempo de recuperarmos o atraso e atentarmos na forma como outros povos europeus têm protegido os seus cemitérios monumentais.

Quadro estatístico dos cemitérios portugueses visitados

Legenda:

COLUNA A — Nome do cemitério (e concelho a que pertence, no caso de pequenas localidades).

(*Nev*) — Não foi objecto de levantamento ou este foi apenas parcial.

(*cp*) — Cemitério privativo (não paroquial ou municipal) pertencente a uma confraria, ordem ou irmandade.

COLUNA B — Data de criação do cemitério:

1855 A — segundo epígrafe à entrada do cemitério (normalmente no portão ou no coroamento do portal de entrada, embora possa também existir numa placa ou inscrição no muro).

c.1855 — segundo uma estimativa nossa.

1855 C — segundo a cruz central.

1855 E — ano dos primeiros enterramentos.

1855 V — segundo DIAS, Vitor Manuel Lopes — *Cemitérios. Jazigos e sepulturas. Monografia*. Porto, Editorial Domingos Bandeira, 1963, p. 98.

COLUNA C — Período a partir do qual o cemitério começa a receber construções (capelas e/ou mausoléus):

1855 D — a construção datada mais antiga é deste ano, podendo, no entanto, existir muitas outras construções anteriores não datadas.

c.1855 — estimativa nossa.

**COLUNA D — Distância do cemitério à igreja, capela ou convento mais próximos:**

A — contíguos.

B — área envolvente.

C — outro lado de uma rua.

D — afastado (n.º de metros).

E — local ermo (na época em que o cemitério foi construído), embora possam existir casos em que o cemitério tivesse sido criado em terrenos de uma antiga igreja, capela ou convento entretanto demolidos.

COLUNA E — Importância e dimensão do cemitério, tendo apenas em conta o número de monumentos funerários do séc. XIX (ou construídos epigonalmente ainda em linguagem oitocentista, até finais da primeira década do séc. XX).

A — cemitério pequeno ou de pouca importância (*cemitério de aldeia*).

B — cemitério de uma povoação populosa, com alguns monumentos.

C — cemitério de alguma relevância (normalmente, de uma vila importante ou de uma pequena cidade).

D — cemitério importante (normalmente, de uma cidade).

E — cemitério muito importante.

Interesse do cemitério em termos de originalidade, antiguidade e monumentalidade dos trabalhos em ferro e pedra.

(-) — cemitério sem grande interesse, por possuir obras muito estereotipadas ou por não possuir quase nenhuma obra do séc. XIX.

() — cemitério com algum interesse.

(+) — cemitério com grande interesse.

A	B	C	D	E
ABRAGÃO (Penafiel)	1882 A	-	-	A-
ADAES (Barcelos)	1882 A	-	B	A
AGRAMONTE - PORTO	1855 E	c.1869	E	E+
AGRAMONTE - ORDEM TERCEIRA DA SS. ^{MA} TRINDADE (<i>cp</i>)	1872 ⁹ / 1874 ¹⁰	c.1875	E	D+
AGRAMONTE - ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO (<i>cp</i>)	1871 ¹¹	c.1873/4	E	CD
AGRAMONTE - ORDEM TERCEIRA DO CARMO (<i>cp</i>)	1869 ¹²	c.1871	E	E+
AGRELA (Santo Tirso)	1888 A	-	B	A-
ÁGUAS SANTAS (Maia)	-	1881 D	B	B+
AJUDA (Lisboa)	1786 v ¹³	-	E	CD+
ALCOBAÇA (cemitério antigo) ¹⁴	-	-	A	AB+
ALCOBAÇA (cemitério novo)	1903 A	-	E	B-
ALFENA (Valongo)	1884 A	1885 D	-	AB

⁹ Data do regulamento do cemitério.

¹⁰ Data da primeira concessão de terreno para jazigo.

¹¹ Data da aquisição do terreno para a construção do cemitério.

¹² A parte mais recente do cemitério foi inaugurada em 31 de Outubro de 1904 (segundo epígrafe no local).

¹³ A data apontada é a da origem remota, o cemitério oitocentista aí existente não possui vestígios de tal época.

¹⁴ Parte deste cemitério foi desmantelado. As ruínas ainda podem ser observadas junto à sacristia do Mosteiro de Alcobaça.



ALTO DE S. JOÃO - LISBOA (<i>Nlev</i>)	1834 ¹⁵ / 1841 A	1847 D	E	E+
AMARANTE	1881 A	-	E	B
ARCOS DE VALDEVEZ	1856 A	1879 D	B ¹⁶	BC
ARCOZELO (Gaia)	-	1889 D	C	AB
ARCOZELO (Ponte de Lima)	-	-	E	A-
ARREIGADA (Paços de Ferreira)	-	-	B	A-
ARRIFANA (Sta. Maria da Feira)	1895 C	-	D 100	A-
ÁRVORE (Vila do Conde)	1886 A	1888 D	B	AB+
AVEIRO	1838 V / 1860 A	1857 D	D 150	D+
AVELEDA (Vila do Conde)	1897 A	1898 D	B	A+
AVINTES (Gaia)	1858 A	-	B	AB
BALAZAR (Póvoa de Varzim)	1914 - 1915 A	1926 D	D 150	A-
BALTAR (Paredes)	1892 A	-	D 150	A
BARCA (Maia)	1882 A	-	B	A
BARCELINHOS (<i>Nlev</i>)	1882 A	-	E	A+
BARCELOS	1877 A	-	E	C+
BARRAIS (Marco de Canaveses)	1901 A	-	E	A-
BEIRE (Paredes)	1884 A	-	E	A-
BEJA	1871 A	-	E	C
BENFICA (Lisboa)	1869 V	-	E	C
BITARÃES (Paredes)	-	-	B	A-
BONFIM (Porto) (<i>cp</i>)	1849 ¹⁷	1877 D	B	C+
BORBA	1837 A	-	E	B
BRAGA	1870 E / 1870 A	c. 1871 ¹⁸	E	DE+
BRAGA - SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE BRAGA (<i>cp</i>)	-	-	E	CD
BRAGANÇA	1839 ¹⁹ / 1856 A	1868 D	E	BC
BUSTELO (Penafiel)	-	-	D 200	A-
CABEÇA SANTA - S. SALVADOR DA GÂNDARA (Penafiel)	1892 A	-	D 200	A
CAÍDE DE REI (Lousada)	1885 A	1886 D	C	A
CALDAS DA RAINHA	-	-	E	BC
CAMINHA	-	1858 D	AB	BC+
CAMPANHÃ (Porto)	1867 ²⁰	1870 D	B	BC+

¹⁵ Data do primeiro termo de enterramento (Maio desse ano), embora já em 1833, aquando da mortífera epidemia de *cholera morbus*, os terrenos tenham sido utilizados para enterramentos.

¹⁶ Construído em frente à Igreja de S. Bento, na cerca da quinta pertencente aos frades Capuchinhos.

¹⁷ Segundo o projecto, publicado em SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e - *Subsídios para uma iconografia da morte...* (I), p. 139.

¹⁸ Porque existem monumentos de oficinas que, em finais de 1872, já tinham desaparecido (*Emídio Amatucci e Viúva Almeida Costa*).

¹⁹ Segundo uma epigrafe existente no cemitério.

²⁰ A data corresponde, quer à planta aprovada para a sua construção, quer à epigrafe no portal de entrada. Cf. SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Concelho de Campanhã (1834-1837). Passos de uma vida efémera*. In "O Tripeiro", 7.ª série, ano X, n.º 3, Porto, Março de 1991, pp. 79-85.



CAMPO (Valongo)	1878 A	-	C	A-
CANELAS (Gaia)	1896 A	-	B	A
CANIDELO (Gaia)	-	-	B	A
CARAMOS (Felgueiras)	1887 A	-	B	A
CASTELO BRANCO	1860 A	c.1875	E	C+
CETE (Paredes)	-	-	B	A-
CHAVES	1887 A	(²¹)	E	BC
CONCHADA - COIMBRA	1858/59/60 ²²	1871 D	E	CD+
COVILHÃ	1881 A	1881 D	E	C+
CRESTUMA (Gaia)	1928 A	-	E	A-
CRISTELOS (Lousada)	1883 A	-	B	A
CROCA (Penafiel)	-	-	C	A-
CUCUJÃES (Oliveira de Azeméis)	1880 A	1883 D	B	AB+
CUSTÓIAS (cemitério antigo) ²³	-	1865 D	A	AB+
ELVAS	1861 A	1870 D	AB	C
ESMORIZ (Espinho)	1875 A	1912 D	D 80	AB-
ESPOSENDE	-	-	E	AB-
ESTELA (Póvoa de Varzim) (<i>Vel</i>)	-	-	B	A-
ESTREMOZ (<i>Vel</i>)	1861 A	-	B	B
ÉVORA	1840 V / 1844 A	1841 D	B	D+
FAMALICÃO	1910 A ²⁴	-	E	B-
FÂNZERES (Gondomar)	1854 ²⁵ / 1874 A	1888 D	A	B+ ²⁶
FAO - (Esposende)	1882 A	1886 D	E	B+
FARO	1864 A	-	D 50	C+
FELGUEIRAS	1865 A	-	E	B
FIGUEIRA DA FOZ	1840 A	1871 D	B	CD+
FOLGOSA (Maia)	1886 A	?	B	A
FONTELAS (Régua)	1879 A ²⁷	c. 1879	E	A
FOZ (Porto)	1881 ²⁸ / 1887 A	-	E	AB+

²¹ Possui alguns monumentos certamente mais antigos do que a data assinalada no portão.

²² São as várias datas que se apresentam à entrada do cemitério.

²³ Actualmente só possui capelas, estando parcialmente desactivado. Existe um outro cemitério, a 150 metros do anterior, da segunda década do séc. XX.

²⁴ Porque possui uma capela da oficina de Severiano João de Abreu (Lisboa), provavelmente o cemitério será bastante anterior a 1893 (data de falecimento deste canteiro). A dita capela pode eventualmente também ter sido trazida de um outro cemitério.

²⁵ Data das primeiras obras. Cf. GOMES, Maria de Fátima Isidro Martins - *Temendo a morte. Alguns aspectos de vida em Gondomar, 1834-1893. Freguesias de Fânzeres, S. Cosme, S. Pedro da Cova, Rio Tinto e Valbom*. Tese de Mestrado em História Moderna, policopiada, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996, p. 165.

²⁶ No exterior do cemitério existe também um jazigo-capela interessante.

²⁷ A mesma data também é referida, em epigrafe, na capela mortuária.

²⁸ Data da vedação do cemitério, segundo o projecto publicado em SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e - *Subsídios para uma iconografia da morte...* (I), p. 147.



FREAMUNDE (Paços de Ferreira)	1872 A	-	BC	AB+
FUNDÃO	1875 A	-	E	B
FUSETA (Olhão)	1916 A	-	B	AB
GALEGOS (Penafiel)	1884 A	-	-	A-
GEMUNDE (Maia)	1868 A	1866 D	AB	AB+
GODIM (Régua)	1859 A	-	C	AB+
GÓIS	-	1879 D	A	B
GONDOMAR (S. COSME)	1858/59 ²⁹ /1862 A	1866 D ³⁰	B	B+
GRIJÓ (Gaia)	1900 A	1900 D	D 100	AB
GUEIFÃES (Maia)	-	1869 D	AB	B+
GUILHABREU (Vila do Conde)	-	1873 D	BC	AB+
GUILHUFÉ (Penafiel)	-	-	C	A-
GUMARÃES	-	-	E	CD+ ³¹
GULPILHARES (Gaia)	-	-	B	AB
INGLESES (Porto) (cp) (Nlev)	1789 E ³² /1813 V	-	AB	AB ³³
JOVIM (Gondomar)	1873 A	-	B	A
LAGOS	-	1878 D	E	C+
LAMEGO	1852 A/1885 A ³⁴	1860 D	E	C+
LANHAS (Vila Verde) (Nlev)	?	-	B	A
LAPA (Porto) (cp)	1833 ³⁵ / 1837 ³⁶	c.1839	B	E+
LEÇA DA PALMEIRA	1858 A	1867 D	B	B+
LEIRIA	1870 ³⁷	1888 D	E	C+
LEVER (Gaia)	1897 A	1910 D	-	A-
LINDOSO (Ponte da Barca)	1919 A / 1924 A	-	E	A-
LODARES (Lousada)	1891 A	1909 D	-	A
LORDELO (Paredes)	1890 A	1891 D	C	AB
LORDELO (Porto)	1872 V	1874 D	D 250	B+
LOULÉ	1915 A	1906 D	E	B-
LOUREIRO (Régua)	-	-	B	A
LOUSÀ	-	1875 D	E	B
LUZIM (Penafiel)	1911 A	-	B	A-

²⁹ Cf. GOMES, Maria de Fátima I. M. - *Ob. cit.*, p. 165.

³⁰ Os monumentos mais antigos são precisamente algumas capelas de grande volumetria, nitidamente influenciadas pelas capelas construídas, em finais dos anos 50 e princípios dos anos 60, na secção lateral do Cemitério da Lapa.

³¹ Os grandes motivos de interesse estão no trabalho do ferro.

³² Cf. SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e - *Subsídios para uma iconografia da morte...* (I), p. 132.

³³ Pela sua natureza específica, não possui trabalho em ferro. É um cemitério de pequenas cruzes e cabeceiras.

³⁴ Ambas as datas se encontram à entrada do cemitério.

³⁵ Data de criação oficial.

³⁶ Data de inauguração.

³⁷ Data da criação oficial.



MADALENA (Gaia)	1891 ³⁸ /1892 ³⁹	1892	B	AB
MAFAMUDE (Gaia)	1855 ⁴⁰ /1891 A	1864 ⁴¹	B	B
MAIA	1868 A	-	AB	B
MARCO DE CANAVESES	-	1889 D	E	B
MARECOS (Penafiel)	-	-	D	A-
MARIZ (Barcelos)	-	-	C	A-
MATOSINHOS (cemitério antigo)	1856 A / 1856 V	1863 D	B	C+
MEINEDO (Lousada)	-	-	D 300	A-
MIRANDA DO CORVO	1875 A	-	B	B
MODIVAS (Vila do Conde)	-	-	BC	A-
MOREIRA (Maia)	1879 A	c. 1881 ⁴²	D 300	B
MOSELOS (Sta. Maria da Feira)	1870 A	1883 D	A	AB+
MOSTEIRO (Sta. Maria da Feira)	1885 A	-	B	A
MOSTEIRO (Vila do Conde)	1872 A	1881 D	B	A+
MOURA (N ^{ev})	?	?	B	B
NAZARÉ - PEDERNEIRA	1909 A ⁴³	-	A	B-
NEVOGLDE (Porto)	1840 V	-	B	A-
NOGUEIRA DA MAIA	1884 A	-	-	A
NOVELAS (Penafiel)	-	-	E	A-
ÓBIDOS	-	-	B	AB
OLDRÔES (Penafiel)	1908 A	-	-	A-
OLHÃO	1852 A ⁴⁴	1892 D	E	B
OLIVAL (Gaia)	1881 A	1903 D	B	AB
OLIVEIRA DO DOURO (Gaia)	1867 A	-	B	B
OVAR	1859 A	-	B	BC+
PAÇO DE SOUSA (Penafiel)	1890 A	1874 D	A	A+
PAÇOS DE BRANDÃO (Sta. Maria da Feira)	1869 A	1902 D	B	AB-

³⁸ A 9 de Outubro de 1891, foi dado como concluído. A data de 1891 surge também no portão de entrada. Mais informações sobre este cemitério podem ser encontradas em *Santa Maria Madalena de Fernúcia. Subsídios para uma Monografia*. Madalena, Junta de Freguesia da Madalena, 1997 (vol. D), obra colectiva por nós coordenada.

³⁹ Data do regulamento. Cf. *Regulamento do cemitério parochial da freguesia de Santa Maria Magdalena do concelho de Gaya*. Gaya, Typographia Julio Batalha, 1892.

⁴⁰ Setembro desse ano. Sobre este cemitério veja-se BORGES, Américo Augusto Moutinho - *Tendências histórico-artísticas do século XIX. Neogótico nos cemitérios do concelho de Vila Nova de Gaia*. Trabalho de seminário, 2 vols., s.l., Universidade Portucalense, s.d., vol. II, pp. 45-55.

⁴¹ Data da autorização dada a construções. IDEM - *Ibidem*.

⁴² A julgar pela epigrafe da maior capela do cemitério, construída na oficina de *António Coelho de Sá & Fernando Correia da Silva*.

⁴³ A data, à entrada, refere-se a um aumento efectuado no cemitério já existente.

⁴⁴ Apesar da data de 1852, no portal de entrada, oficialmente o cemitério foi apenas aberto em 1 de Novembro de 1853. No entanto, só a partir de 1875 existem livros de enterramentos. Devemos esta informação ao administrador do cemitério, Sr. Vítor Manuel Mendes.



PAÇOS DE FERREIRA	1897 A	-	E	B-
PARAMOS (Espinho)	-	1918 D	B	A-
PARANHOS (Porto)	1873 ⁴⁵ / 1874 V	1875 D	D 250	B+
PAREDES	1885 A	1891 D	E	B-
PEDROSO (cemitério antigo) (Gaia)	1869 A	1868 D	C	AB+
PEDROSO (cemitério novo) (Gaia) (<i>Nlev</i>)	1912 A / 1919 ⁴⁶	?	D 150	A-
PENAFIEL	1870 ⁴⁷	1879 D	E	C+
PENICHE	1875 A	-	E	B
PERAFITA (Matosinhos)	-	1872 D	B	B+
PEREIRA (Montemor-o-Velho)	1850 / 1865 A	1869 D	E	A
PERELHAL (Barcelos)	1887 A	-	B	A-
PEROSINHO (Gaia)	1891 A	-	B	A
PONTE DE LIMA ⁴⁸	-	-	E	BC
PORTALEGRE	1878 A	c.1856 ⁴⁹	E	BC+
POVOA DE VARZIM	1889 A / 1892 V	(⁵⁰)	E	C+
PRADO DO REPOUSO - PORTO	1839	-	E	E+
PRADO DO REPOUSO - CONF. SS. ^{MO} SACR ^O DE STO. ILDEFONSO (<i>cp</i>)	1868 V / 1869 ⁵¹	-	E	AB-
PRADO DO REPOUSO - ORDEM DO TERÇO E DA CARIDADE (<i>cp</i>)	1871 V ⁵² / 1876 ⁵³	1876 D	E	B
PRADO DO REPOUSO - STA. CASA MISERICÓRDIA DO PORTO (<i>cp</i>)	1862 ⁵⁴	-	E	BC+
PRAZERES - LISBOA (<i>Nlev</i>)	1835 ⁵⁵	1836 D	E	E+
RAMALDE (Porto)	1862 V	1863 D	B	B+
RANS (Penafiel) (<i>Nlev</i>)	?	-	?	A-
RATES (Póvoa de Varzim)	1907 A	-	D 150	A-
REBORDOSA (Paredes)	1886 A	1876 D	A	AB+
RÉGUA	1849 A	-	D 150	B+
RETORTA (Vila do Conde)	-	1907 D	D 50	A-
RIO TINTO (Gondomar)	1855 ⁵⁶ / 1857 A	1864 D	B	BC+

⁴⁵ Data da vedação do cemitério. Cf. SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e — *Subsídios para uma iconografia da morte...* (I), p. 146.

⁴⁶ Epígrafe na capela mortuária.

⁴⁷ Data da criação oficial. As catacumbas estão datadas de 1877.

⁴⁸ Curioso cemitério em planta hexagonal radiada.

⁴⁹ A julgar pela majestosa capela de Manuel Andrade Sousa (1788-1855), a primeira a ter sido construída no cemitério.

⁵⁰ Muitos dos monumentos existentes neste cemitério foram deslocados do cemitério antigo (datado de 1866 e ocupado com monumentos, pelo menos, desde 1870), entretanto desactivado por ser exíguo.

⁵¹ Cf. SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e — *Subsídios para uma iconografia da morte...* (I), p. 134.

⁵² A mesma data é apontada em SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e — *Subsídios para uma iconografia da morte...* (I), p. 134.

⁵³ Epígrafe da capela mortuária.

⁵⁴ Cf. SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e — *Subsídios para uma iconografia da morte...* (I), p. 134.

⁵⁵ A data do primeiro termo é de Janeiro de 1835, embora o cemitério tivesse sido oficialmente criado em 1833, aquando da epidemia de *cholera morbus*.

⁵⁶ Aquisição do terreno. Cf. GOMES, Maria de Fátima I. M. — *Ob. cit.*, p. 165.



S. FÉLIX DA MARINHA (Gaia)	1892 A	-	B	A-
S. JOÃO DA MADEIRA	1868 A	1885 D	C	BC
S. JOÃO DE VER (Sta. Maria da Feira)	-	1905 D	B	AB
S. MAMEDE DE INFESTA	1855 A	1857 D	C	BC+
S. MAMEDE DO CORONADO (Santo Tirso)	-	-	D 100	A-
S. MARTINHO DE VALBOM (Vila Verde) (<i>Nlev</i>)	?	-	C	A-
S. MARTINHO RECEZINHOS (Penafiel)	-	-	A	A-
S. PEDRO (Bragança)	?	?	AB	A-
S. ROMÃO DO CORONADO (Santo Tirso)	-	-	B	A-
SANDIM (Gaia)	1907 A	-	B	A-
SANTA COMBA DAO	-	-	E	AB-
SANTA CRUZ DO BISPO	-	1867 D	A	AB+
SANTARÊM	1835 V	-	AB	D+
SANTO TIRSO	1886 V	-	E	BC
SERPA (<i>Nlev</i>)	?	?	E	BC
SERZEDO (Gaia)	1914 A ⁵⁷	-	D 100	A-
SETUBAL	1848 A	-	B	CD+
SILVALDE (Espinho)	-	-	B	AB-
SILVARES (Lousada)	1887 A	-	B	A
SOBRADO (Valongo)	1867 / 1889 A ⁵⁸	-	B	A+
STA. MARIA DA FEIRA	1853 A	1889 D	B	B
STA. MARIA DE LAMAS (Sta. Maria da Feira)	-	1877 D	B	AB
STA. MARINHA (Gaia)	1874	1875 D	E	C+
STA. MARTA (Penafiel) (<i>Nlev</i>)	?	?	?	A-
STO. ANTÓNIO DOS OLIVAIS (cemitério antigo) (Coimbra)	1856 / 1880 ⁵⁹	1869 D	A	A+
STO. ANTÓNIO DOS OLIVAIS (cemitério novo) (Coimbra)	1898 A ⁶⁰	1887 D	B	A
TAVIRA	1918 A	-	E	C
TERROSO (Póvoa de Varzim) (<i>Nlev</i>)	-	-	D 300	A-
TOMAR	1872 E	-	E	C+
URRÔ (Penafiel) (<i>Nlev</i>)	?	?	?	A-
VALADARES (Gaia)	-	1876 D	A	B+
VALBOM (Gondomar)	1866 ⁶¹ / 1866 A	1866 D	B	B+
VALENÇA (<i>Nlev</i>)	?	?	E	BC+
VALONGO (cemitério antigo) ⁶²	1863 A	1864 D	A	B+

⁵⁷ Ao longo do gradeamento, pode ser observada a data de 1916, com a referência ao benfeitor que ofereceu o gradeamento.

⁵⁸ Fundado em 1867, pelo Visconde de Oliveira do Paço, e ampliado em 1889 (segundo epígrafe no portão).

⁵⁹ O muro está datado de 1880 e foi mandado construir por Miguel Osório Cabral de Castro, titular de uma capela, ali construída em 1879.

⁶⁰ O portão, devido ao benfeitor José Canas Júnior, indica a data de 1898, embora o cemitério seja muito mais antigo. Já existia em 1874, pelo menos. Cf. BARROS, Paulo de — *Questões de Hygiene e de agricultura. Cemitério e incineração de cadáveres*. Coimbra. Imprensa da Universidade, 1874. p. 13.

⁶¹ Estava pronto neste ano. Cf. GOMES, Maria de Fátima I. M. — *Ob. cit.*, p. 165.

⁶² Encostado à igreja, em cunha.



VALONGO (cemitério novo) ⁶³	1887 A	-	D 100	B-
VÁRZEA DE S. BENTO (Barcelos)	1886 A	-	C	A
VENDAS NOVAS	-	1902 D	E	B-
VERMOIM (Maia)	-	1887 D	AB	AB+
VIANA DO CASTELO ⁶⁴	1855 ⁶⁵	1867 D	AB	C+
VILA BOA DE QUIRES (Marco de Canaveses)	-	1876 D	B	A+
VILA COVA DA LIXA (Felgueiras)	1879 A	-	E	A-
VILA DO CONDE	-	-	C	BC
VILA DO CONDE - ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO (cp)	1888 A	1890 D	C	B
VILA FLOR	1875 A	-	-	A
VILA REAL	1841 A / 1843 A ⁶⁶	1868 D	A	C+
VILA VIÇOSA	-	-	A	B
VILAR DE ANDORINHO (Gaia)	1892 A	-	E 200	A
VILAR DO PARAÍSO (Gaia)	1889 ⁶⁷ / 1890 A	1882 D	B	BC
VILAR DO PINHEIRO	1879 A	-	C	A+
VISEU	1856 A ⁶⁸	-	E	C+

Nota final

O processo de levantamento socioartístico dos cemitérios oitocentistas portugueses tem vindo a alargar-se progressivamente, prevendo-se para breve novas contribuições nossas sobre este tema, onde se incluirão cemitérios que não constam ainda da relação anexa. Veja-se, por exemplo, a série de artigos *Contributo para a história dos Cemitérios de Gaia* (em publicação no “Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia”) e o trabalho *Especificidades da Arte Funerária Oitocentista na Região da Serra de S. Mamede* (no âmbito do *Programa Nacional de Bolsas para Jovens Historiadores e Antropólogos*, da Fundação da Juventude).

⁶³ Este cemitério foi construído cerca de 100 metros atrás do anterior. O espaço entre estes dois cemitérios foi posteriormente ocupado com construções funerárias.

⁶⁴ Incluindo o Cemitério Privativo da Ordem Terceira de S. Francisco, contíguo ao Cemitério Municipal.

⁶⁵ Ano da inauguração. Cf. FEIJÓ, Rui Graça / CABRAL, João Pina — *Um conflito de atitudes perante a morte. A questão dos cemitérios no Portugal contemporâneo*. In “A morte no Portugal contemporâneo. Aproximações sociológicas, literárias e históricas”. Lisboa, Editorial Quercus, 1985, p. 197. A indicação surgida na obra é a de 1885, mas trata-se certamente de uma *gralha*, uma vez que a referida epidemia de cólera deu-se em 1855.

⁶⁶ Datas de início e fim da sua construção.

⁶⁷ O Administrador do Concelho de Gaia mandou um ofício a pedir à Junta de Paróquia da Madalena (freguesia vizinha) que não enterrasse pessoas de Vilar do Paraíso no adro da sua igreja, já que estes possuíam um cemitério, acabado de fazer. Cf. ARQUIVO DA JUNTA DE FREGUESIA DA MADALENA, *Livro de Actas, 1883-1899*, fl. 131, de 7 de Julho de 1889.

⁶⁸ Data do primeiro enterramento (3 de Abril desse ano).



Fig. 1 — Envolvidos pelos prédios da cidade, os cemitérios municipais do Porto são museus ao ar livre, expostos a numerosas agressões atmosféricas.



Fig. 2 — Cemitério da Conchada (Coimbra). Detalhe de um jazigo-capela construído por João Machado em finais do séc. XIX. A notar a estética revivalista do Renascimento coimbrão.



Fig. 3 — Cemitério de Leiria. Capela n.º 1. Magnífico exemplo de jazigo-capela, sem paralelo no País.



Fig. 4 — Cemitério de Lamego. Pormenor da secção lateral. As duas capelas à esquerda estão datadas de 1861 e 1884, respectivamente. A capela à direita ostenta a data de 1875.



Fig. 5 — Cemitério do Alto de S. João. Capela estereotipada do início do séc. XX.



Fig. 6 — Original capela no cemitério de Faro, construída com materiais da região.



Fig. 7 — Cemitério de Santarém. Duas capelas muito influenciadas pela estética funerária de Lisboa. À esquerda, construída em 1893 na oficina de Marcolino Cesário Santos (Rua do Cais de Santarém, em Lisboa). À direita, dos viscondes de Landal.